

1822/1922/2022

James Miyamoto, Lídia Quieto Viana, Marcio Cotrim e Tomas Moreira

2022 finalmente chega ao fim! Um ano que nos instou a refletir sobre o significado da dimensão cívica e de suas representações. Um ano em que o Estado Democrático de Direito por tantas vezes esteve ameaçado e as instituições tensionadas. Um dramático período marcado pelo descaso pela ciência, educação, meio-ambiente e pela falta de empatia social e humana. Aos olhos da cultura, triste foi nos darmos conta de que a Semana de Arte Moderna de 1922 quase passou em brancas nuvens, sem o destaque da qual seria (e é) merecedora. Faltou na agenda de um país a celebração de um evento histórico “seriamente festivo” que trouxe de forma perene férteis sementes de reconhecimento, identidade e modernidade para a cultura nacional.

Irônico pensar que justamente neste ano foram celebrados os 200 anos da independência de um país. Uma data tão impregnada de significados que mesmo aqueles inebriados ou desviados do verdadeiro sentido de nação, no mínimo, curvar-se-ão ao fato de que somente no longínquo ano de 2122 se comemorará plenamente um novo centenário. Não estaremos por aqui, mas ficam os registros da convicção de que a arquitetura e o urbanismo podem ser instrumentos poderosos para contribuir, ainda que parcialmente, na luta contra as iniquidades socioeconômicas de um Brasil ainda tão desigual.

Novos ventos, oxalá, nos tragam bons desejos e que eles se realizem, a despeito de todas as inseguranças. Como disse Calvino: “as cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto”.

A revista *Thésis* número 14 traz um rico e variado cardápio com muitos destaques importantes e “lembra que não se esqueceu”, neste agitado 2022, do aniver-

sário dos 200 anos de independência do Brasil, nem tampouco do marco inspirador dos 100 anos da Semana de Arte Moderna de 1922.

Na sessão **Textos Especiais**, Cibele Saliba Rizek, em **2022 Embates/ Rememorações/ Comemorações** – texto que nasceu de um convite para inaugurar o ano letivo de 2022 do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia –, propõe duas perguntas ao considerar os 200 anos passados desde a independência e os 100 anos da semana de arte moderna: o que e como comemoramos? Sem o afã de respondê-las, a autora faz um passeio “por leituras e releituras desse passado – passado nunca estanque – sempre recolocado ao sabor das perguntas fincadas no presente”. A seguir, a arquiteta, museóloga e pesquisadora Ruth Levy, em **Exposição do Centenário de 1922: o que as Portas Monumentais e seus concursos podem revelar**, destaca o papel dos pórticos monumentais de acesso ao sítio do evento, reveladores da coexistência e convivência entre os estilos do ecletismo e da produção “colonial”. Interessante notar a importância dada à classificação estilística que acompanha todos os projetos participantes nos diversos concursos públicos da época. Assim, através das portas, compreende-se melhor a época e o contexto de suas concepções. Agora em 2022, ano em que se celebra o bicentenário da Independência, as passagens históricas retratadas em **O Museu Paulista e os desafios colocados pela memória consagrada da Independência** pela professora Cecília Helena de Salles Oliveira são amplificadas não somente pela importância do Museu Paulista, com vínculo ao edifício comemorativo à Independência, o Monumento do Ipiranga, do final do século XIX, mas também pelo debate entre museus de história e celebrações nacionais. Trata-se de uma justa homenagem a um edifício tão bela e criteriosamente reformado por ocasião do aniversário do Bicentenário da Independência em 2022. Ricardo Tamm, em **Banquete de devoração – do Homem Amarelo ao Abaporu**, discorre sobre a Semana de Arte Moderna de 1922, ocorrida no Theatro Municipal de São Paulo, sob um recorte temporal que tem seu início em 1917, com a Exposição de Pintura Moderna, de Anita Malfatti, e término no final da década de 1920, com a Antropofagia, de Oswald de Andrade. O autor procura manter-se como um isento espectador de toda celeuma que um movimento (ou que um conjunto de movimentos) desperta e provoca ao se colocar como uma ação revolucionária e de vanguarda.



A sessão **Arquivo**, o artigo *Morales de Los Rios and his sculptural work for the exposition*, escrito por Douglas O. Naylor, em 1923, e traduzido por Niuxa Drago e Marcia Furriel Gálvez, traz a análise do projeto do arquiteto Adolfo Morales de Los Rios para o pórtico do Parque de Diversões da Exposição Internacional do Centenário da Independência, no Rio de Janeiro, no qual se identificam civilizações da Antiguidade, artistas do Renascimento Italiano e personagens da Missão Francesa, além de elementos indígenas e figuras do folclore brasileiro. Por uma outra perspectiva, *Architecture of the Brazil Centennial Exposition*, redigido por John Pollock Curtis, também em 1923, e traduzido por Fernando Atique, descreve o sítio e as características das setorizações da Exposição Internacional do Centenário da Independência com pormenores de algumas das edificações mais importantes e suas influências. Em tom ufanista, o trabalho é concluído com a seguinte passagem: “A Exposição do Centenário do Brasil é a expressão de uma jovem arquitetura, uma arte que viceja cheia de vigor e promessas, e que aspira grandiosidade. É um presságio do que o segundo século de crescimento nacional produzirá em construção, arquitetura e realização”.

A sessão **Ensaio** se inicia com o artigo **Duas exposições emblemáticas**, de autoria de Silvia Palazzi Zakia, e trata de dois eventos notáveis. O primeiro intitulado *L’architecture et les arts qui s’y rattachent*, por iniciativa de Mallet-Stevens, em 1924, em Paris e, o segundo, sob responsabilidade de Lucio Costa, denominada Salão Revolucionário de 1931. Robert Mallet-Stevens, arquiteto francês com quem a historiografia da arquitetura foi pouco generosa, organizou a referida exposição com trabalhos do grupo De Stijl, os irmãos Perret (Auguste e Gustave), Henri Sauvage, Tony Garnier e Le Corbusier, além de projetos de seus estudantes, dentre outros, e de artistas como Fernand Léger e Piet Mondrian. Buscava apresentar a vanguarda de um pensamento promovida pelos precursores do moderno. Lucio Costa, nomeado em 1930 para a direção da ENBA, representava o enfrentamento das estruturas conservadoras do sistema educacional da escola. A promoção de uma reforma curricular, inclusive com a contratação de novos docentes, refletia o debate demandado pelas vanguardas no campo das artes e da política. A exposição em questão também era simbólica do embate entre modernos e acadêmicos. Lucio Costa seria severamente criticado, mas tal qual Mallet-Stevens, plantaria sementes dos novos ares vanguardistas. A importância das revistas especializadas como fonte para pesquisa em arquitetura é abordada no trabalho **Revistas especializadas como**

fonte de pesquisa em história da arquitetura: O caso das intervenções no Theatro Municipal de São Paulo, de autoria de Beatriz Fernandez Vaz Oliveira. Em sua essência, as revistas possuem duas dimensões particulares. Como fonte primária veiculam os discursos e ideias de determinado momento; como fonte secundária, revelam as diversas interpretações desses mesmos discursos. A utilização da “reforma” do Theatro Municipal de São Paulo, como referencial de análise, permite o reconhecimento das “diversas camadas de interpretação” oferecidas pelas revistas, reveladoras dos diferentes discursos e momentos de cada intervenção. Os autores Amiria Bezerra Brasil, Saulo Matheus de O. Lima e Renata Cybele dos Reis, no artigo **Especulação imobiliária em eixo de expansão do mercado imobiliário: A (in)sustentabilidade dos vazios urbanos de Capim Macio/Natal**, se por um lado, revelam preocupação em relação aos vazios urbanos da capital potiguar, que servem como estoque fundiário da especulação fundiária; por outro lado, reconhecem o potencial do papel destas áreas para implantação de equipamentos que possam suprir demandas sociais com maior equidade socioespacial. Em **Reconstituição histórico temporal da Exposição Internacional do Centenário da Independência**, Niuxa Drago, Naylor Vilas Boas e Sebastião Guedes Batista Neto reconstituem e analisam a Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil, ocorrida entre 07 de setembro de 1922 e 02 de julho de 1923, na cidade do Rio de Janeiro. O artigo contextualiza as profundas transformações urbanas na região do Centro desde o início do século XX, com destaque para a demolição do Morro do Castelo efetivada durante a gestão do Prefeito do Distrito Federal Carlos Sampaio (1920-1922). Na investigação **Os subúrbios cariocas no olhar de Lima Barreto**, Juliane Porto Cruz de Medeiros e Ana Elisabete de A. Medeiros utilizam a nem sempre devidamente explorada narrativa literária para, através da obra de Lima Barreto, discorrer sobre os subúrbios cariocas do início do século XX, em suas vivências cotidianas em ambientes então interioranos que a linha de trem ajudou a construir. As professoras Miriam Lins e Andréa Borde identificam os comprometimentos relativos à qualidade da forma urbana provocados pela implantação de sistemas de infraestrutura. Na pesquisa **Impactos Morfológicos Gerados por Equipamentos de Infraestrutura Urbana: Um olhar sobre as subestações elétricas no Rio de Janeiro**, são analisadas as descuidadas inserções destes equipamentos no espaço da rua, que acabam por gerar rupturas no tecido urbano, provocando monotonia, baixa caminhabilidade e sensação de insegurança. As auto-



ras destacam que a concepção de espaços técnicos de forma mais atenta aos contextos dos lugares pode até mesmo incrementar a qualidade do espaço público, com ganhos em relação à permeabilidade e legibilidade urbana. No artigo **Cartografias temporárias da cidade de Natal-RN**, Manuela Carvalho e Ruth Ataíde apresentam ações que buscam ressignificar e promover a democratização do acesso à cidade, através de novos processos coletivos na criação de lugares. Desta forma, promove-se a criação de novos lugares com maior vitalidade, em intervenções no âmbito do urbanismo tático. O estudo pondera, entretanto, que algumas destas iniciativas acabam por intensificar as mesmas formas de injustiça espacial e econômica que deveriam combater. Por fim, são apresentadas diversas intervenções na cidade de Natal, RN, de forma a ilustrar os conceitos, objetivos e tipos de abordagem relacionados com o urbanismo tático. Em **Uma outra estratégia projetual: Arquitetura em Curitiba nos anos 1960-1970**, Renato Leão Rego, Isabella Caroline Januário e Renan Augusto Avanci destacam a premiada produção de arquitetos sediados em Curitiba, PR, nos anos 1960-1970, com ênfase na trajetória profissional do arquiteto Jaime Lerner, como símbolo representativo de possibilidades de construção, desconstrução e reconstrução pessoal. A pesquisa é iniciada com foco nas redes de conexões como fomentadoras da circulação de ideias, segue para a identificação de autores e obras que podem ter influenciado Lerner e conclui com a análise de três obras que contaram com a participação do arquiteto como síntese das muitas influências recebidas na construção de um pensamento que em certo momento, no mínimo, se contrapôs a arquitetura e o urbanismo modernista. Matheus Chuery Pinto e Maria Carolina Maziviero, em **Curitiba Insurgente: Do Existir Ao Resistir**, estudam as novas formas de mobilização coletiva, os movimentos insurgentes, espontaneamente catalisados pelas redes sociais. São apresentadas diferentes formas de manifestação de grupos ativistas que procuram engajar a sociedade curitibana na busca por uma cidade mais aberta e politizada. Em **Arquitetura como representação, uma aproximação contemporânea**, Lais Bronstein parte do reconhecimento da arquitetura como linguagem mediadora da expressão das condições técnicas e dos conteúdos culturais de um momento, como meio para o resgate de outras essências de um campo disciplinar com novas e esfumadas fronteiras que parece ansiar pelo trânsito com desenvoltura por novos contextos e conceitos. A autora apresenta estudos que “parecem oferecer pistas tangenciais, intempestivas, para o aprofundamento do debate acerca da representação em arquitetura, no



momento contemporâneo”. Na sessão **Recensão**, Dilton Lopez de Almeida visita a publicação, **Pensamentos Selvagens**, o segundo volume de **Montagem de uma outra herança**, no qual, a autora, Paola Berenstein Jacques, “ao se posicionar a partir do gesto da escrita da História” a contrapelo, “nos oferece a possibilidade de compreender o passado no entrever de futuros vencidos, interrompidos, esquecidos e soterrados, não como uma matéria morta e inexorável, mas como uma brecha, um furo, uma fenda, um salto, a possibilitar a percepção de múltiplas temporalidades entrecruzadas que sobrevivem no presente.”

Fechando a revista, na sessão **Passagens**, Rodrigo Queiroz em, **Tópicos sobre a genealogia da linha na arte moderna brasileira**, um **texto-desenho** que elabora uma concisa e pessoal genealogia da linha no ambiente moderno no Brasil. A linha íntima que nos associa ao universo comum, mais do que à metrópole moderna e assim promove reconhecimento, pertencimento.

A **capa** desta edição busca dar forma às reflexões entre passado, história, presente e futuro, que compõem a temática, partindo da reflexão proposta pelos arquitetos Otávio Leonidio e João Pedro Backheuser no trabalho exposto no Penso Cidade (2002), “Os Subterrâneos do Castelo”. A colagem de **Lídia Quiêto** interpõe materialidades, elementos e cenas de diferentes temporalidades associadas aos eventos comemorados neste número e algumas transformações urbanas da região remanescente da demolição do Morro do Castelo para compor um cenário imaginário da passagem do tempo.

Desejamos boas leituras e que as perguntas lançadas por Cibele Saliba Rizek logo no início deste número sejam continuamente refeitas. Afinal, como escreveu Oswald Andrade, **“Que é a História, senão um contínuo revisar de ideias e de rumos?”**

